



Os processos de negociação de sentido em narrativas orais de idosos

Procedures for the negotiation of meaning in oral narratives of the elderly

Los procesos de negociación de sentidos en las narraciones orales de adultos mayores

*Jayne Guterres de Mello**

*Janice Vielmo Cáceres***

*Elenir Fedosse****

Resumo

Este estudo buscou analisar a linguagem oral de idosos, apreendida no contexto de uma entrevista, destacando-se a narrativa de um fato relevante de suas vidas. Foram analisados os processos de negociação de sentido entre idosos e entrevistadores. Entrevistou-se 237 idosos residentes em um município de pequeno porte do RS. Esta amostra foi definida a partir de um procedimento probabilístico estratificado uniforme e sistemático sobre uma população de 2.053 idosos. Foram excluídos os idosos com doenças neurológicas, mentais ou outras alterações incapacitantes para a interação verbal. Extraíu-se 18 recortes de narrativas, nos quais se observou o processo de negociação de sentido, destacando-se o modo como o convite foi feito e o investimento do entrevistador durante a narrativa do idoso, assim como o interesse deste em produzir uma narrativa. Identificaram-se os temas mais acessados e a condição dos idosos para desenvolvê-los coerentemente. É uma pesquisa qualitativa que segue os princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva. Observaram-se diferentes tipos de convite ao narrar, fato que não influenciou no desenvolvimento narrativo dos idosos; no entanto, o investimento do entrevistador em negociar sentido foi fator essencial para a produção de uma narrativa (propriamente dita) ou de um comentário sobre fato relevante da vida. Os temas mais recorrentes foram as lembranças negativas, como as perdas de familiares, as doenças e as dificuldades materiais. A interação entre idosos e interlocutores disponíveis possibilita o uso produtivo da linguagem, favorecendo aos idosos a manutenção de sua autonomia e protagonismo, ressignificando o sentido da velhice com dignidade e qualidade de vida.

Palavras-chave: linguagem; narração; idoso; fonoaudiologia; linguística.

*Fonoaudióloga; Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM);

Fonoaudióloga; Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana (UFSM); *Fonoaudióloga; Docente do Curso de Fonoaudiologia (UFSM).

Abstract

This study investigates the oral language of the elderly, seized in the context of an interview, especially the narrative of a fact relevant to their lives. We analyzed the processes of negotiation of meaning between elderly and interviewers. We interviewed 237 elderly residents in a small town in RS. This sample was defined based on a stratified probability procedure on a uniform and systematic population of 2053 elderly. We excluded elderly patients with neurological disease, incapacitating mental or other changes to the verbal interaction. Extracted 18 clippings narratives, where there was the process of negotiation of meaning, especially the way the call was made and the investment of the interviewer during the narrative of the elderly and in the interest of producing a narrative. The issues more accessible and the condition of the elderly to develop them coherently were identified. It is a qualitative research, followed by the theoretical and methodological principles of Neurolinguistic Discourse. We observed different types of invitation to narrate, which did not influence the narrative development of the elderly; however, investment in trading towards the interviewer was an essential factor for the production of a narrative (itself) or a comment about a material fact of life. The most recurrent themes were negative memories, as the loss of family, sickness and material difficulties. The interaction between seniors and partners available allows the productive use of language, encouraging the elderly to maintain their autonomy and leadership, redefines the meaning of old age with dignity and quality of life.

Keywords: language; narration; aged; speech; language and hearing sciences; linguistics.

Resumen

Este estudio trata de investigar el lenguaje oral de adultos mayores en el contexto de una entrevista, destacando la narración de un hecho importante en sus vidas. Se analizaron los procesos de negociación de sentido entre los adultos mayores y los entrevistadores. Se ha tratado de analizar las estrategias negociadas entre los interlocutores en la producción e interpretación de sentido. Se Entrevistó a 237 ancianos residentes en un pequeño pueblo de RS. Esta muestra se definió a partir de un procedimiento probabilístico estratificado uniforme y sistemático sobre una población de 2.053 adultos mayores. Se excluyeron adultos mayores con enfermedades neurológicas, mentales u otros cambios incapacitantes a la interacción verbal. Se extraieron 18 recortes de narraciones en los cuales se observó, el proceso de negociación de sentidos, destacando la forma en que se hizo la invitación y la inversión del entrevistador durante la narración del adulto mayor, así como el interés del último en producir una narración. Se identificaron los temas más presentes y la condición de los adultos mayores para desarrollarlos de forma coherente. Se trata de una investigación cualitativa, que sigue los principios teóricos y metodológicos de la Neurolinguística Discursiva. Se observó diferentes tipos de invitación a narrar, lo que no influyó en el desarrollo narrativo de los adultos mayores, sin embargo, la inversión del entrevistador en negociar el sentido fue un factor esencial para la producción de una narrativa (propriamente dicha) o un comentario acerca de un hecho relevante de la vida. Los temas más recurrentes fueron los recuerdos negativos, como la pérdida de familiares, las enfermedades y las dificultades materiales. La interacción entre adultos mayores y interlocutores disponibles permite el uso productivo del lenguaje, favoreciendo que los adultos mayores mantengan su autonomía y liderazgo, redefiniendo el significado de la vejez con dignidad y calidad de vida.

Palabras clave: lenguaje; narración; anciano; fonoaudiología; lingüística.

Introdução

A linguagem é uma das atividades humanas mais complexas, senão a mais complexa de ser estudada e trabalhada nos contextos clínicos. Já se reconhece, há tempos, que a linguagem é um processo semiótico por excelência, heteróclita e multiforme¹. A significação configura-se como ato motivado e intencional que ocorre no interior de uma determinada situação histórico-cultural e que põe em relação os interlocutores (as pessoas), as formas de expressão verbal (a língua – oral e escrita) e não verbais (por exemplo, as expressões motoras [movimentos, gestos, dança], as imagens [desenhos, fotografias, esculturas], os sons [melodias, ruídos, onomatopeias])²⁻⁴. Uma concepção abrangente de linguagem informa que ela desempenha, ao mesmo tempo, o papel de comunicação, de estruturação do sistema linguístico (da língua) e dos demais processos cognitivos/psíquicos²⁻⁵.

No sentido acima, a linguagem verbal não pode ser apenas apreendida em seu papel instrumental, ou seja, em sua função de comunicação. Autores de vertentes enunciativas e discursivas²⁻⁸ afirmam que é pelo fato de a linguagem integrar a estrutura cognitiva/psíquica que ela regula e media a cognição (atenção, percepção, memória, praxias, raciocínio lógico-matemático). Em outras palavras, é por meio *da* e *na* linguagem que se organizam a vida intramental e interpessoal, bem como o próprio sistema linguístico.

A linguagem como atividade constitutiva² implica realização de trabalho linguístico⁵, ou como dizem alguns autores^{3,6,7,8} ocupados do estudo da linguagem nas patologias neurológicas, realização de trabalho linguístico-cognitivo/psíquico que se apresenta como constante (re)construção da língua/linguagem e do sujeito em interação verbal. É, pois, um trabalho social e histórico² desenvolvido na relação entre um *eu* e um *tu* envolvidos em e por recursos linguísticos e recursos da situação (tempo, espaço, formação social, sistemas de referências), que encontra sentido através de processos negociados de significação⁵.

A propósito da relação recursos linguísticos (signos) e sujeitos que os utilizam, importante autor da linguística⁹ explica que as expressões verbais são caracterizadas pelo *dito* (explícito) e pelo *não dito* (implícito). Por isso, na interação verbal ocorre esforço cooperativo entre os interlocutores - o falante implica (insinua) e o ouvinte

inference (interpreta) – fato que os leva à significação. Neste esforço/trabalho, os participantes identificam o propósito comum do diálogo (uma direção mutuamente aceita), que pode ser declarado desde o início ou negociado (com mais ou menos esforço) durante a interlocução⁵.

Neste estudo, toma-se a produção e a interpretação de sentido como atividades dadas em meio às contingências do uso social da linguagem, o que implica incluir o sujeito, a história e a cultura em sua análise⁵. Pode-se dizer que é na conversação (negociação entre interlocutores) que toda e qualquer imprecisão de fala é resolvida. Deste modo, compreende-se que a significação, especialmente a verbal, está relacionada às intenções do locutor (produtor da fala), ao desejo/às expectativas do alocutário (ouvinte/intérprete da fala), à compreensão de ambos sobre os objetivos sociais imediatos e mediatos da comunicação, à identificação dos objetos em um universo de referência em comum, entre outros fatores⁹.

É indiscutível o fato de que as circunstâncias da enunciação desempenham um papel muito importante, pois as expressões são explicadas pelo contexto em que se inserem. Assim, reafirma-se a conveniência de estudar as expressões verbais vinculadas ao contexto e à situação; ressalta-se que na análise da linguagem deve-se levar em conta o conjunto de fatores e de relações que se instituem entre os participantes no ato comunicativo, a saber: as circunstâncias desse ato, o universo de eventos e das coisas a que se referem os sujeitos segundo suas experiências².

No sentido acima, pode-se dizer que a linguagem do idoso, tal como a dos jovens e dos adultos, é marcada por constante atividade de negociação, configurando-se como trabalho linguístico-cognitivo/psíquico. À medida que o idoso se expressa, ele se (re)organiza (subjektivamente) e se impõe como ser social^{12,6,10}.

A linguagem do idoso vem sendo estudada por linguistas e fonoaudiólogos^{3,4,6,7,8,10-12}, porém, diferentemente do que defendem aqueles, na Fonoaudiologia¹¹ há uma tendência de estudá-la unicamente como ferramenta social, e deste modo restringe-se a observá-la em sua forma externa e instrumental.

Acredita-se que a análise da linguagem do idoso deva ser realizada para além de sua condição de ferramenta social e de código, de tal forma que se possa apreendê-la em sua condição

de funcionamento linguístico-cognitivo/psíquico. Portanto, mais que observar a estrutura fonológica, sintática e semântica das expressões verbais, certamente elementos essenciais na construção de sentido, convém analisá-la em seus aspectos pragmáticos, que incluem a relação dos falantes com a língua, o que por sua vez, implica considerar a relação desta com outros fatores como a história (geral/coletiva e pessoal) e a cultura^{5,9,12}. Com tais argumentos, as autoras deste estudo, buscam compreender “Quem é que está falando? Com que atitude e finalidade o faz?”.

Um expediente apropriado para apreensão do funcionamento da linguagem são as narrativas, visto que são constituídas por considerações da representação que o falante tem da realidade. Quando um sujeito narra fatos vividos por ele, é possível a reconstrução do movimento percorrido e isso possibilita a produção de novos significados. Deste modo, ao narrar, realiza-se uma autorreflexão (autoanálise), própria do processo de organização de ideias e da construção da narrativa, possibilitando novas significações e novas bases para as ações práticas de/na vida. Assim como as experiências produzem discursos, os discursos influenciam as experiências. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que se indica a experiência através da linguagem, age-se de acordo com a interpretação desta experiência^{13,14}.

Pelas considerações acima, todo processo de interação social/verbal, inclusive o narrativo, implica constante cooperação entre os interlocutores. Portanto, este estudo teve como objetivo analisar a linguagem oral de idosos, apreendida no contexto de uma avaliação fonoaudiológica, a partir da narrativa de um fato relevante de suas vidas, ou seja, buscou-se analisar os processos de negociação (produção/interpretação) de sentido entre o idoso que narra e o entrevistador que o convida a narrar.

Método

Este artigo integra a pesquisa de mestrado - Aspectos fonoaudiológicos e Qualidade de Vida de Idosos Residentes em um Município de Pequeno Porte do RS - que objetivou caracterizar os idosos residentes na zona urbana de um município localizado na região centro-oeste do Rio Grande do Sul. Ressalta-se que a referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o CAAE

nº 0238.0.243.000-10, tendo os sujeitos assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados de linguagem provêm de 237 idosos distribuídos proporcionalmente nos grupos etários: G1 (60 - 69 anos), G2 (70 - 79 anos), G3 (80 - 89 anos) e G4 (acima dos 90 anos), que constituem a amostra da população idosa do município. Ressalta-se que esta amostra foi definida a partir de um procedimento probabilístico estratificado uniforme e sistemático, sobre uma população total de 2.053 idosos. Foram excluídos os idosos com doenças neurológicas, mentais ou outras alterações incapacitantes para a interação verbal.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de fevereiro e agosto de 2011 por meio de um Roteiro de Avaliação Fonoaudiológica que visava conhecer as condições de vida e saúde (geral) dos idosos, a percepção deles em relação à voz, audição e sistema estomatognático (mastigação, deglutição e condições odontológicas), bem como visava conhecer as condições de produção e interpretação da linguagem verbal (oral e escrita), ou seja, aprender o trabalho linguístico-cognitivo dos idosos. Ressalta-se que este roteiro valoriza o uso produtivo da linguagem e, por isso, contém perguntas abertas sobre a rotina e os hábitos de vida do idoso; instiga a narrativa de um fato relevante da vida e a produção de comentário(s) de um tema atual; a interpretação e evocação de provérbios; a resolução oral de um problema cotidiano e matemático. Além das perguntas abertas existem as fechadas relativas à percepção do idoso sobre sua voz e audição e sobre as condições de seu sistema estomatognático.

São aqui analisados os dados de linguagem oral apreendidos durante a narrativa de um fato importante da vida. A escolha por analisar narrativas de fatos relevantes da vida se dá pela consideração de que elas oportunizam a observação, descrição e análise da linguagem em funcionamento de uma forma motivada¹⁰. Acredita-se que por meio do convite à narrativa (solicitação de um interlocutor atento e desejoso de escuta), o idoso pode mostrar suas condições de produção e interpretação de linguagem e de interação social.

Os dados de linguagem foram coletados por diferentes interlocutores (a autora desta pesquisa e acadêmicos do Curso de Fonoaudiologia orientados para a aplicação do roteiro de avaliação), e em contextos situacionais semelhantes (unidades de saúde ou residência dos idosos).

Todas as entrevistas foram transcritas ortograficamente. O entrevistador é identificado como tal e os idosos pela letra inicial de seus nomes. As transcrições integram o Banco de Dados Linguístico-Cognitivos, mantido sob a responsabilidade da orientadora deste estudo, no entanto, pelos limites deste texto, destacam-se aqui trechos de narrativas de alguns idosos que se mostraram representativos da maioria dos entrevistados.

Neste artigo são usados 16 excertos de diálogos entre entrevistadores e idosos, nos quais se observou o processo de negociação de sentido, destacando-se o modo como o convite foi feito e o investimento/incentivo do entrevistador durante a narrativa do idoso, assim como o interesse/investimento do idoso em produzir uma narrativa. Destacam-se, ainda, os temas mais acessados/narrados pelos idosos.

Note-se que a linguagem é aqui analisada qualitativamente¹⁵, visto que se entende que os modos e as condições de produzir e interpretar sentido configuram-se como uma realidade que não convém ser quantificada. A linguagem é uma atividade constitutiva e criativa/pré-estruturante (ou *quasi*-estruturante) que não se deixa apreender por análises que se limitam a segmentar e a classificar as expressões verbais². Portanto, para avaliar e compreender os processos de significação produzidos/interpretados na interação idoso/entrevistador, seguem-se os princípios da perspectiva teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva (ND)^{4,16}, que, tal como a perspectiva interacionista em aquisição de linguagem¹⁷, toma o diálogo como unidade mínima da análise linguística.

Resultado e Discussão

Os recortes dos diálogos estabelecidos entre os entrevistadores e os idosos e a referida discussão estão organizados em dois grupos; o primeiro diz respeito ao momento inicial da solicitação do entrevistador para que o idoso faça a sua narrativa (os cinco primeiros dados) e o segundo se refere ao desenvolvimento e conteúdos narrados (do sexto ao oitavo dado) e/ou comentados pelos idosos (do nono ao décimo sexto dado). Tal divisão considerou que os dados do primeiro grupo possibilitam identificar como os idosos entenderam os motivos do encontro e como se iniciou a interação

verbal (aspectos inter-relacionais e intramentais) entre idosos e entrevistadores jovens, e os dados do segundo evidenciam o trabalho linguístico-cognitivo dos idosos frente à proposta de narrativa.

De como o convite para narrar foi feito

Dado 1 – Sujeito H, mulher, 67 anos:

1. Entrevistador: - Me diz uma coisa dona H... eu quero que a senhora me conte um fato importante na sua vida assim... Alguma coisa que lhe marcou...
2. H:- Um fato da... da família ou meu?...
3. Entrevistador: - Seu... assim... Alguma coisa. Tanto faz. Mas... Alguma coisa que tenha lhe chamado... que a senhora tenha marcado; assim... que a senhora nunca mais se esqueceu...
4. H:- Ah! Então, tá...

Dado 2 – Sujeito M, mulher, 80 anos:

1. Entrevistador:- Eu queria que a senhora me contasse um fato... Um acontecimento muito importante da sua vida, tá?
2. M:- Pode ser... assim... qualquer coisa que acontecesse?
3. Entrevistador:- Qualquer coisa que aconteceu.

Dado 3 – Sujeito E, mulher, 80 anos:

1. Entrevistador:- Dona E, agora eu vou lhe fazer uma pergunta... que talvez eu já saiba a resposta. Mas, eu vou lhe perguntar igual! Qual é a lembrança que mais marcou a sua vida?
2. E:- Ai, ai, ai...
3. Entrevistador:- Pense alguma coisa que marcou a sua vida... Do seu passado... enfim...
4. E:- Quê que eu vou dizer... Eu não sei!
5. Entrevistador:- Pense... Tenta lembrar de alguma coisa que aconteceu na sua vida que lhe marcou...
6. Agente Comunitário de Saúde (ACS):- Uma lembrança boa ou ruim... O nascimento de um filho... a perda do seu esposo... alguma coisa assim...
7. E: - Pode citar meu esposo?
8. Entrevistador:- Pode!
9. E:- Ah! Não desse aí, não...
10. ACS :- O quê que mais lhe vem na memória...

11. Entrevistador:- O quê que marcou a sua vida... Que mudou a sua vida... Como uma coisa boa ou uma coisa ruim...

12. E:- Não! ... Uma coisa ruim não! Uma coisa boa...

13. Entrevistador:- Uma coisa boa, então! Me diga uma coisa boa que a senhora lembra...

14. E:- Não sei... Que barbaridade!

15. Entrevistador:- Ah, mas tem que ter lembranças boas na sua vida, né?

16. E:- ((risos)) A lembrança boa... eu não sei... eu não sei... eu não sei dizer que lembrança boa ...

17. Entrevistador:- Não? Não aconteceu nada de bom na sua vida?

18. E:- Não... ((risos)) [afirmando que sim com a cabeça].

Dado 4 – Sujeito M, mulher, 77 anos:

1. Entrevistador:- Agora, dona M... me conte alguma coisa que lhe vem na sua cabeça de primeiro assim... um fato... uma lembrança... alguma coisa que aconteceu de importante na sua vida. Que marcou a sua vida... uma coisa que marcou a sua vida..., tá? Uma lembrança que a senhora tenha do seu passado... alguma coisa que aconteceu e que lhe marcou a vida.

2. M:- Ruim?

3. Entrevistador:- Tanto faz... Pode ser ruim ou bom; uma lembrança que a senhora tenha da sua vida.

4. M:- Depois de grande... ou... ?

5. Entrevistador:- Tanto faz também... o quê que lhe vem na cabeça assim... pode ser depois de grande ou quando criança, ou agora... há pouco tempo. Não importa..., mas o quê que lhe vem na cabeça. Alguma coisa que lhe marcou a sua vida.

6. M:- Só que mataram meus pais; ... meus irmãos...; meus avô...

Dado 5 – Sujeito A, homem, 62 anos:

1. Entrevistador: O senhor pode contar, para mim, alguma coisa importante que tenha acontecido na sua vida, que tenha lhe marcado? ... Tanto bom ou ruim...

2. A: Mas... ai..., minha cabeça vazia, né? Agora não adianta não...

A hesitação inicial para narrar, observada nos dados de 1 a 5, pode ser explicada pelo fato de que, geralmente, o contexto de cuidado em saúde ainda

não se caracteriza como um espaço de escuta, pois há por parte da maioria dos profissionais de saúde uma preocupação com a descrição de sintomas, seguida de uma rápida inspeção e devida prescrição de remédios e/ou de recomendações a serem seguidas para minimizar ou eliminar os sintomas/doenças. Raras vezes dispõe-se de tempo para “conversar” em unidades de saúde/consultórios, sendo esta, até mesmo, uma atitude condenada pelos gestores e trabalhadores da saúde, pois prejudicaria o fluxo de atendimento aos pacientes, ideia que marca a cultura da quantificação de procedimentos (atos de saúde).

Outra explicação possível para a relutância dos idosos frente ao “inusitado” convite para recordar é a concepção, em geral, de que a conversa de idosos é lenta, longa e repetitiva¹². Esta pode acarretar ao idoso um sentimento de desajuste com o tempo de agora, percebido como tão diferente do tempo de outrora - “o seu tempo” Esse sentimento de inadequação, por vezes, é reforçado pelos familiares, que não dispõem de tempo e não incentivam a participação efetiva dos idosos nas decisões familiares ou subjetivas relacionadas ao seu próprio bem-estar.

Pode-se dizer, pois, que há certo preconceito sobre a conversa ser desajustada (longa, lenta, repetitiva e desatualizada)¹⁸, o que reforça uma autoavaliação negativa quanto à sua condição de/para memorizar. Tal avaliação corresponde à meta-memória (noção e sentimentos que o idoso tem acerca de sua memória) que inclui vários aspectos, entre eles, a autoeficácia para memorizar, que, por sua vez, refere-se ao grau de [in]certeza de um indivíduo sobre sua capacidade de realizar uma tarefa que envolva memorização¹⁹. Assim, a autoavaliação do sujeito sobre sua memória influencia o modo como ele executa e alcança a memorização: sujeitos com alta autoavaliação têm maior motivação para desempenhar tarefas de memorização e de rememoração.

Apresentam-se, a seguir, excertos de diálogos que revelam o desenvolvimento e conteúdos mais recorrentes trazidos pelos idosos frente à solicitação para narrar um fato relevante de suas vidas. Têm-se narrativas propriamente ditas (enunciados com a sucessão temporal de fatos, ações ou eventos), motivada por sentimentos negativos [dados 6 e 7] ou positivos [dado 8]; têm-se ainda, dados entendidos como anúncios de fatos lembrados (enunciados que remetem a uma lembrança a qual é avaliada/

comentada segundo sentimentos negativos [dados 9 a 12] ou positivos [dados 13 a 16]) pelos idosos.

O dado 6 é revelador de uma longa história, repleta de detalhes, que merece sua exposição e cuidadosa atenção do leitor.

Dos conteúdos narrados

Dado 6 – Sujeito E, mulher, 80 anos (narrativa propriamente dita de fato negativo).

1. Entrevistador: - Me conte algumas, então (...)
2. E:- A lembrança boa é quando eu tinha meu marido, né?
3. Entrevistador:- Ah! Isso aí(...) muito bom(...)
4. E:- A gente custa, né?(...) sai (...) pensá (...) a gente custa, né?
5. Entrevistador:- É(...)
6. ACS:- Mas a senhora tá muito lúcida (...) tá ótimo pros oitenta anos(...)
7. Entrevistador: Normalmente as pessoas dizem assim (...) de coisa boa é (...) quando casou (...) ou quando teve os filhos (...) ou senão as pessoas foram marcadas pelas perdas né (...) quando ficou viúva (...) ou algumas pessoas que perderam um filho (...)
8. E: - Ah! Eu também quando perdi meu marido (...) mataaram ainda, né?
9. Entrevistador:- É (...) terrível, né? (...)
10. E: - Eu passei um ano que não (...) Deus o livre(...) não comia, não dormia(...)
11. Entrevistador:- Que ano foi que ele faleceu?
12. E: - Faz (...) é fez vinte e quatro ano agora (...)
13. Entrevistador:- Fez vinte e quatro anos?
14. E: - É (...)
15. Entrevistador:- Uhum (...)
16. E: - Mas Deus o livre (...) saiu vivo (...) saiu vivo pra trabalha e chega em casa morto(...)
17. ACS: - É uma coisa inesperada, né (...)
18. E: - Ah, Deus o livre (...) ainda quando não tem (...)
19. Entrevistador:- E por que que ele foi trabalhar lá?(...) não tava dando pra ganhar aqui (...) não tinha serviço aqui?
20. E: - Ah, mas (...) ele é assim oh..ele quando(...)às vezes aqui sem estudo(...)sabe como é(...)e agora pior ainda naquela época(...)agora tá pior ainda. Ele trabalhou de vigilante assim (...)

quem queria cuida das casa sabe(...) assim, sabe? Então, aí ele foi (...) Não! Antes disso ele foi trabalhar na SulBrás(...)essa SulBrás a firma era de Alegrete(...) pra ir trabalhar lá em(...) em Porto Alegrete(...) lá em Viamão parece que era(...) parece que era(...)é, em Viamão. Então, eu tinha(...) eu tinha um banco ali [indicou o canto do cômodo] e botava o rádio ali(...) Ele ligou o rádio ali(...) porque dava(...) “o mensageiro de Alegrete”(...) aí dava as noticia tudo, né? Aí eu peguei e desliguei, aí ele pegou e ligou de novo(...) pra escutar(...) que precisava um cozinheiro(...) porque ele cozinhava bem, né? Bah(...) lá na SulBrás(...) aí ele disse(...) essa eu não vou perder(...) Era(...) me lembro(...) era dia(...) trinta e um de(...) de julho. Aí ele disse: essa não vou perder(...) Aí ele mandou meu filho(...) meu filho naquela época já tinha que(...) onze ano(...) disse: tu vai lá na rodoviária sabe que horas o ônibus sai pra(...) pra Alegrete(...) Ele disse ‘eu não vou’(...) [Nome do filho] te mostro como tu não vai(...) aí ele pegou a bicicleta do guri e se foi(...) na rodoviária tava fechada, né? Como ele era da Assembléia(...) de da volta(...) Aí ele ia na igreja, né? Eu fui duas vezes e depois não fui mais(...) mas, ele não(...) não implicava comigo por causa da religião(...)

21. Entrevistador: - Sim(...) cada um tinha a sua(...)

22. E: - Sua, sim! Até ele casou pela católica(...) ele batizou o guri pela católica(...) tudo né(...) mas ele não (ficava) comigo nem o guri(...) ele ia na igreja dele(...) Na volta da igreja ele passou lá na rodoviária mas tava fechada(...)mas ele(...)ele(...)falou com(...)com os milico ali..os guarda ali(...)aí ele disse que ia sair ali pelas onze e meia pra Alegrete(...)aí ele chegou se deitou(...) aí ele deixou o rádio ligado pra saber as horas(...) aí eu disse(...)era uma friagem(...)uma friagem.. daí eu disse(...)tu vai pra Alegrete?(...) Vou! Então, já tá quase na hora(...) eu disse pra ele(...) aí ele disse: “então me passa um café bem(...) bem(...) bem forte e bem quente”(...) que(...) era um frio um frio(...) que eu vou ir(...) aí ele foi(...) eu acho que ele ficou(...) não sei(...) porque ele tem uma prima lá em Alegrete(...) ela mora(...) assim(...) nos bairros, sabe(...) não sei se foi lá na prima dele(...) se ele ficou toda noite lá na rodoviária(...) ai não fiquei sabendo(...) pra pegar esse serviço né(...) pra ele trabalhar lá na SulBrás(...) no outro dia ele veio(...) com aquele ônibus que chegava onze e

meia aqui(...) só almoçou e pegou as coisa dele se mandou de volta.

23. Entrevistador: - Conseguiu o emprego, então?

24. E: - É, consegui o emprego(...) dali(...) dali um mês, parece, ele veio(...) depois ele ia voltar né(...) ele veio(...) cada mês em mês ele vinha, né? Ai, depois então ele veio(...) depois ele ficou em casa um dia, dois, não lembro(...) depois ele foi de novo(...) dali a quinze dia(...) me bateram na porta(...) eu disse pro meu filho(...) [nome do filho] teu pai vem chegando(...) e teu pai vem chegando(...) e aí(...) ele veio(...) Eu, pra mim, porque ele não gostava se ele tava cozinhando se uma pessoa ia botar nariz nele(...) botar(...) olhar a comida dele(...) ele não gostava. Eu, pra mim, um lá foi se mete no que ele tava cozinhando(...) aí ele pegou as coisa dele e veio embora(...) até as coisas dele ele deixou lá(...)lá(...)lá.. na irmã dele(...)

25. Entrevistador:- Pediu demissão e veio embora(...)

26. E: - É(...) aí eu depois eu tinha que ir lá buscar a roupa dele(...) e veio embora(...) aí ficou um(...) uns tempo em casa(...) não me lembro o que ele fez(...) depois ele disse(...) eu vou ir a Porto Alegre(...) o quê que tu vai fazer em Porto Alegre não não(...) tu não tem emprego(...) mas eu arrumo(...) ele foi(...) ele foi na casa da vizinha ali(...) que tem uma irmã que mora em Sapucaia(...) aí a sobrinha dela disse(...) [Nome do Esposo] fica aqui que eu te arrumo emprego(...) não mas ele foi lá em São Leopoldo(...) na vigilância Pedroso(...) arrumou serviço pra trabalha lá de(...) e aí levou até o guri(...) depois pra(...) ele ia pegar serviço(...) ele embarcou o guri(...) mas não queria trazer o guri sem uma pessoa responsável(...) por sorte veio o gero(...) o gero da dona [Nome de uma conhecida] ali(...) essa coisa(...) aí ele botou com ele(...) junto com ele(...) a responsável pelo guri(...) guri tinha doze ano(...) onze doze ano(...) onze ano(...) aí senão o guri não vinha(...) aí ele ficou trabalhando é(...) não ficou(...) não trabalhou nem um mês e mataram ele, né?

27. Entrevistador:- E aí então(...) O menino viu ele a última vez quando?(...) e a senhora nem chegou a ver mais ele então?(...)

28. E:- Não(...)não(...)não(...)

Dado 7 - Sujeito H, mulher, 67 anos (narrativa propriamente dita de fato negativo).

1. H:- Ah (...) então tá... É uma chácara que nós (...) uma (...) uma chácara que nós tinha no interior e o cara comprô de nós essa chácara (...) e ficô devendo (...) e nunca mais (...) Pagô só um poço (...) e nunca mais pago o resto (...) fico devendo até hoje (...) nós botemo na justiça e nada foi resolvido ... Umás vinte e cinco hectar mais o menos (...) que ele se tomou por conta (...) não pagô nós mais (...) ainda tá na justiça ... Mas, nada tá resolvido, né?

2. Entrevistador:- Aham

3. H:- Isso aí foi o que marcô muito (...) se adono de tudo na casa (...) não quis mais nem que nós botasse os pé lá (...) ele liberava tudo pra gente pega lá na casa (...) porque não sei o quê (...) depois que nós assinemo, né? a escritura. 'Não (...) vocês podem vim aqui (...) peguem o que vocês querem (...) levem o que vocês querem'. Aí, nós dexemo cama (...) dexemo um monte de coisa na casa (...) e nunca mais (...) quando chegou no portão ele (...) pegou o facão e tocou nós de volta embora...

4. Entrevistador:- Maas...

5. H:- Até do portão do pátio (...) sendo que era tudo nosso (...) a casa (...) tudo tudo (...) vendemo a terra pra ele, né? Foi um problema muito sério isso aí (...) isso aí me marca até hoje (...) Eu odeio ele e a muié (...) porque o dia que fomo assina a escritura (...) era (...) Eu disse assim (...) eles me disseram (...) Isso faz uns seis ou sete ano (...) ele disse assim (...) eu disse (...) 'eu não assino essa escritura porque falta dinheiro pra paga (...) pra completa' (...) 'não (...) mas vocês acham que eu sou o quê (...) que não vô pagá (...) eu sô gente séria' (...) 'mas eu não assino' (...) Meu marido disse: 'vamo assina sim (...) eles vão pagá (...)'. Até hoje nunca mais (...) e eu não esqueço (...). Eu odeio eles (...) tu vê?

Sabe-se que rememorar fatos de uma vida consome tempo, sobretudo, quando o locutor tem 80 anos, como é o caso do sujeito E (dado 6), uma senhora que narrou com detalhes a busca do esposo por trabalho fora da sua cidade de origem e que culminou em trágica morte. Constata-se no diálogo acima intenso trabalho linguístico-cognitivo/psíquico, circulando diferentes elementos importantes para a produção e interpretação de sentido: a partilha de conhecimentos, as considerações dos interlocutores sobre os fatos narrados, o interesse, a curiosidade e a cumplicidade do entrevistador favoreceram a produção de uma longa narrativa, repleta de detalhes expressos coerentemente.

A propósito das condições de produção de sentido, convém considerar que os entrevistadores produziram basicamente dois tipos de comandos (convites) para o idoso narrar. Alguns foram diretos - “Tem alguma coisa que marcou a vida da senhora que a senhora não esquece?” - e outros mais reticentes e explicativos - “Agora dona D, eu quero que a senhora pense [...], a senhora vai me contar uma coisa, [...] uma coisa que aconteceu na sua vida, que lhe marcou muito. [...] Uma lembrança da sua vida [...]. Pode ser um fato bom ou um fato ruim?”. A análise da produção verbal dos idosos demonstrou que comandos extensos e explicativos não favoreceram as narrativas quanto à extensão, detalhamento e coerência.

Apesar de alguns autores^{11,20-22} evidenciarem um declínio na compreensão do idoso, citando dificuldades no relato coerente de histórias, outros trabalhos^{19,23}, e também este, sustentam a ideia de que parece não haver diferenças qualitativas significativas entre o processamento do discurso pelos idosos e jovens. Esta afirmação está apoiada na compreensão de que se existirem interlocutores disponíveis em negociar, fator essencial para a produção e interpretação de sentido, não existirão dificuldades para se alcançar o sentido pretendido. Acredita-se que os idosos, ao reconhecerem as diferenças socioculturais produzidas ao longo do tempo, buscam frequentemente apoio e aprovação do interlocutor jovem para prosseguir em suas narrativas¹².

Note-se, por exemplo no dado 7, que depois da hesitação inicial e da confirmação de que poderia haver algo importante a ser narrado sobre sua vida, a senhora põe-se a narrar um desconforto dela e dos familiares, mantendo-se no tópico narrativo de modo coerente, revelando sua condição de produzir narrativas com sequência temporal ordenada e repleta de detalhes.

Também no dado 6, observa-se que, mesmo após alguma incerteza sobre o que narrar, a senhora decide-se pelo tema e o desenvolve coerentemente, por meio de uma narrativa impressionante quanto aos detalhes ocorridos à época do fato narrado.

A riqueza de detalhes nas narrativas dos idosos até poderia ser considerada como uma inadequação – uma produção verbal prolixa⁹. No entanto, na perspectiva do uso produtivo da linguagem assumida neste estudo, as informações detalhadas não podem ser assim consideradas, visto que o narrar de

fatos que envolvem perdas e desconfortos suscitam narrativas emocionadas e minuciosas.

Estudos sobre envelhecimento^{19,23-25} indicam que temas relacionados a eventos do passado podem ser mantidos nitidamente na memória do idoso por razões afetivas e motivacionais que facilitam o desenvolvimento de tarefas verbais e cognitivas - as narrativas de fatos relevantes da vida – por exemplo.

Dado 8 - Sujeito I, mulher, 67 anos (narrativa propriamente dita de um fato positivo).

1. Entrevistador:- Dona I., agora eu queria que a senhora contasse alguma história ... alguma lembrança da sua vida(...)do seu passado (...) uma coisa que lhe marcou(...)pode ser tanto uma (...) uma lembrança boa (...) ou uma lembrança triste(...) alguma coisa lhe vem na cabeça assim(...)

2. I:- Ai(...) coisa boa tem bastante(...) no tempo que a gente era guria(...) as pessoas aproveitavam. A gente convive com as(...)da idade da gente(...)que a gente se divertia(...)nesses bailes de fora(...)que era bom não havia briga(...)nada(...)

3. Entrevistador:- Uhum(...)

4. I:- A gente era unida(...) tinha companhia(...) traziam a gente em casa(...) eu saía recomendada(...) que eu era filha única e meu pai me criou e me dizia(...) tu vai mas é direito(...) lugar da moça é na sala(...)

5. Entrevistador:- Essas coisas a senhora lembra dessa época(...)

6. I:- Isso(...) muita coisa(...)e as daninhação que eu fazia(...)

7. Entrevistador:- as o quê?

8. I:- As daninhação que eu fazia(...)

9. Entrevistador:- ah:: era danada né(...)

10. I:- Meu pai dizia(...) vai lá pegar tua pitiça(...)vai buscar as vacas(...)e eu levava às vezes uma guria do outro que tava lá(...)e eu de prevalcida né(...)porque eu era mais velha(...)botava a guria(...)fazia a rédea pra botar no pescoço da pitiça(...)era mansinha(...)mas de capim(...)claro que a pitiça saltava pra trás assim(...)atirou a guria no chão(...)depois a guria machucou o braço(...) eu disse pra guria(...)tu não conta pra tua mãe(...) porque eu te surro(...)mas eu de medo de apanhar do meu pai(...)e eu ia apanhar(...)porque o velho não me poupava(...) e a guria(...)claro(...)decerto machucou o braço(...)doía(...)jela me olhava e(...)e a mãe dela dizia(...)que tu fez [nome da amiga] no teu braço?(...)não sei, me dói(...)ja pobrezinha não

dizia de medo(...)e eu não queria apanhar e a guria sofrendo(...)

11. Entrevistador:- E o quê que ela era sua?
12. I:- Não era nada mas(...)
13. Entrevistador:- Não era amiga(...)
14. I:- As vezes parava na casa da minha mãe, assim(...)
15. Entrevistador:- Aham

Dos conteúdos comentados

Dado 9 – Sujeito E, mulher, 67 anos (anúncio de um fato negativo lembrado).

1. Entrevistador: -Tem alguma coisa que marcou a vida da senhora que a senhora não esquece?
2. E:- Foi quando a minha mãe faleceu(...)
3. Entrevistador:- Aham(...) isso faz muito tempo?
4. E:- Faz(...) faz tempito(...)faz mais de onze anos já.

Dado 10 – Sujeito I, mulher, 84 anos (anúncio de um fato negativo lembrado).

1. Entrevistador:- Agora eu queria que a senhora me (...) contasse assim(...) um fato que foi marcante na sua vida. Alguma coisa que aconteceu e a senhora nunca mais esqueceu assim(...). Seja ela boa ou ruim?
2. I:- A morte do meu esposo(...)
3. Entrevistador:- Uhum(...) foi uma coisa repentina pra senhora?
4. I:- Foi(...) um enfarte do miocárdio(...)
5. Entrevistador:- Uhum(...)
6. I:- Foi muito ruim.

Dado 11 – Sujeito F, mulher, 68 anos (anúncio de um fato negativo lembrado).

1. Entrevistador:- Agora me conte alguma coisa(...) Eu não sei. (...) Eu acho que a senhora até já me contou.(...) Se eu lhe perguntasse(...) qual foi o fato que marcou muito a sua vida? Uma lembrança que a senhora tem ruim ou boa.(...) O quê que seria?
2. F:- O quê que eu passei na minha vida?
3. Entrevistador:- É(...)uma coisa(...)que que lhe marcou muito a sua vida(...)
4. F:- Um filho que se matou(...) muitas coisas(...)meus pais(...)meus irmão(...)mas, mais, foi um filho.

Dado 12 – Sujeito I, mulher, 63 anos (anúncio de um fato negativo lembrado).

1. Entrevistador: Tem algum fato importante na tua vida (...), que lhe marcou. (...) Que a senhora sempre lembra? Pode ser alegre ou triste?
2. I: Ah tem (...) triste, né? Muito triste(...) meu filho(...) foi [destruído] o meu filho(...) 14 anos, né?
3. Entrevistador: Ah é?
4. I: Mas(...) eu tento me espairer que é uma coisa que ele não vai voltar, né? Tento entender que ele também tem, que a alma dele tem que descansar né? Acho que Deus sabe o que a gente faz né?
5. I: Um dia nos encontramos por ai na outra vida, né? mas é uma coisa que nunca te sai da cabeça né?(...) [perder um filho desse jeito](...) Mas me conformo igual, né? Tem os outros(...) maravilhoso também, né? [é a vida(...)]

Constatou-se neste estudo um número expressivo (213 sujeitos) de sujeitos que, tal como o revelado no dado 8, lembrou-se de fatos de sua juventude, realizou avaliações e ofereceu impressões sobre as atitudes do passado, comparando-as com seu modo de vida e com os dias atuais. Os temas mais recorrentes foram as lembranças negativas, como as perdas de familiares, as doenças e/ou deficiências e as perdas ou dificuldades materiais (dado 6; dados 9 a 12). É certo que, quanto maior o tempo de vida, maiores são as possibilidades de perdas de entes próximos, assim como é notório o fato de aumentar a incidência de doenças à medida que se envelhece. Porém, esta não é a única justificativa para a recorrência das lembranças negativas. Estudos^{24,25} indicam que a memória, o aprendizado e o comportamento humano são influenciados pelo grau de emoção que acompanham uma determinada situação ou estímulo. Esses estudos^{24,25} mostram que a memória e a posterior descrição de fatos vivenciados tendem a ser melhor processados em situações com conteúdo emocional e, mais ainda, que as situações desprazerosas são com maior frequência memorizadas que as prazerosas. Isto ocorre porque as situações negativas causam maior estado de alerta ao ser humano e, quanto maior o alerta maior o traço de memória apreendido.

A maioria (90%) dos sujeitos seguiu a proposta do entrevistador: acessou uma lembrança pessoal e a desenvolveu respeitando a sucessão temporal dos fatos, assim como teve o cuidado em produzir

uma narrativa que fizesse sentido ao outro, o que é coerente com a pouca partilha de conhecimento entre o idoso e o entrevistador. Este cuidado se mostrou condizente com as diferenças entre os entrevistados e os entrevistadores, visto que os últimos possuem maior prática de letramento, além de serem de outras gerações e residirem em diferentes municípios, o que impossibilitou maior conhecimento sobre alguns fatos locais contados pelos idosos.

Alguns idosos (24 sujeitos) não acessaram um tema, justificando não se lembrarem de nada ou dizendo que não aconteceu nada de importante em suas vidas. Esses dados indicam idosos na condição de sujeitos não propositivos (sem motivação para se expressarem verbalmente), o que pode indicar riscos de sofrimento psíquico ou declínio cognitivo (dado 5).

Dado 13 – Sujeito A, homem, 62 anos (anúncio de um fato positivo lembrado).

1. Entrevistador: - Agora eu quero que o senhor me conte seu A. uma lembrança muito forte que o senhor tem(...) da sua vida(...)alguma coisa que aconteceu na sua vida que lhe marcou (...)
2. A:- A boa é que eu aceitei Jesus
3. Entrevistador:- Hãhã?
4. A:- Aceitei Jesus na igreja(...)
5. Entrevistador:- Ah! Tá! E que idade o senhor tinha?
6. A:- Eu tinha uns(...) dezoito(...)vinte(...)
7. Entrevistador:- O senhor era jovem!
8. A:- Era jovem(...)
9. Entrevistador:- Uhn(...) e o senhor vai na igreja ainda?
10. A:- Agora eu não posso(...)
11. Entrevistador:- E o pastor vem aqui?
12. A:- Às vezes vem(...)

Dado 14 – Sujeito A, homem, 62 anos (anúncio de um fato positivo lembrado).

1. Entrevistador: -Agora seu A.(...) eu quero que o senhor me conte um fato importante da sua vida. O quê que lhe marcou(...), pode ser uma lembrança boa ou uma lembrança ruim?
2. A:- Minha lembrança boa foi quando me casei, né?
3. Entrevistador:- Uhum(...) Porque que foi boa?
4. A:- Por que(...) eu vivia trabalhando sozinho assim, né? Daí eu me casei(...)daí fiquei(...)a

gente tem uma companheira, né?(...) Então, isso me marcou(...) no lado bom.

Dado 15 – Sujeito J, homem, 60 anos (anúncio de um fato positivo lembrado).

1. Entrevistador:- Seu J.(...), eu queria que o senhor me contasse agora(...) um fato importante da sua vida. Alguma coisa que lhe marcou assim(...), seja ela boa ou ruim, mas alguma coisa que o senhor não esquece assim?
2. J:- Ah(...) o nascimento do filho(...) primeiro filho(...)a gente não esquece, né?
3. Entrevistador:- O nascimento do primeiro filho? O quê que o senhor sentiu, assim(...) Porque que lhe marcou?
4. J:- Ah(...)não sei(...) emoção indescritível que a gente sente ali na hora(...).

Dado 16 – Sujeito L, homem, 85 anos (anúncio de um fato positivo lembrado).

1. Entrevistador:- Agora seu, seu L., o senhor vai me dizer(...) um fato(...) importante na sua vida. Alguma coisa da sua história, do seu passado que lhe marcou(...)pode ser um fato bom ou um fato ruim, qualquer coisa. Uma lembrança que o senhor tenha. Tanto uma lembrança boa quanto uma ruim?
2. L:- Eu não sei nada(...) eu passei(...) muitos trechos bom e muitos ruim(...)(risos).
3. Entrevistador:- É?
4. L:- Qual é! Eu não sei(...)
5. Entrevistador:- Mas um(...) um que lhe vem a cabeça assim(...)alguma coisa da sua vida que vem a cabeça(...)
6. L:- O tempo que eu cortava arroz nas empresas, né? Coisa boa(...)
7. Entrevistador:- Cortava o quê?
8. L:- arroz nas empresas
9. Entrevistador:- Ah! Arroz nas empresas(...) o senhor cortava(...) cortava é que chama?
10. L:- Cortava a foíce, né? Tempo que não tinha maquinário né(...) que antigamente não tinha(...)era só cortado a foíce e trilhado em trilhadreiro(...) Agora que tem tudo que facilidade(...) de primeiro não tinha.
11. Entrevistador:- E porque o que o senhor lembrou disso? Era uma época (...)
12. L:- Era um época boa(...) esses tempos, né? Era fins das empresas(...) Que a gente vinha embora carregando [muito dinheiro](...) ((risos)) no bolso(...) ainda me lembro, né?

Outros idosos apenas anunciam um fato ou um estado de espírito e fazem ponderações em torno, descrevendo sentimentos e impressões do passado e/ou da atualidade (dados 9 a 16).

A esse respeito, destaca-se o caso do Sujeito A (dado 13) que, mesmo a partir de um comando explicativo, elege um fato relacionado a um estado de espírito, ou seja, à sua religiosidade. Note-se que as expressões desse idoso revelam-no como pouco afeito à interlocução/interação social, pois se restringe a responder aos questionamentos do entrevistador. Apesar do esforço/trabalho linguístico do entrevistador, intervindo e incentivando o desenvolvimento de uma narrativa acerca do tema escolhido, não houve por parte do idoso fornecimento de informações suficientes para a interpretação do outro. Isso permite questionar a integridade da condição psíquico/cognitiva desse idoso – parece que ele não acessou o tópico da conversação, ou seja, não compreendeu e, conseqüentemente, não respondeu ao comando dado pelo entrevistador.

Realizar uma narrativa coerente é uma tarefa cognitiva complexa, que demanda simular ações e fatos e ordená-los temporal e sintaticamente. O requisito básico da coerência é que todos os enunciados devem ser relevantes para o tópico da narrativa em andamento e se manterem coerentes durante toda a extensão da narrativa. Podem acontecer digressões, estas, porém, não podem comprometer a coerência do discurso. Pela dinamicidade da interlocução, os tópicos podem ser modificados, neste estudo, porém, o tópico foi proposto logo de início e permitiu que as temáticas se diversificassem de acordo com a individualidade e motivação pessoal¹³.

Desta forma, percebeu-se que a maioria dos idosos, mesmo que alguns necessitassem de mais negociações e tempo que outros, acessaram alguma temática e a mantiveram até o final da sua narrativa. Constatou-se a tendência de os idosos produzirem narrativas de fatos seguidas de comentários. Isso pode parecer, à primeira vista, uma desorganização sintático-semântica e/ou falha pragmática (dificuldade de organização espaço-temporal e/ou de posicionar-se adequadamente na conversação). No entanto, aqui, interpreta-se essa tendência como uma forma de contribuir com o interlocutor na produção do sentido, favorecendo sua interpretação²⁶, além de revelar a subjetividade de quem está narrando, sobre como os fatos vivenciados no passado foram ressignificados no presente.

Com a dinâmica discursiva estudada evidenciou-se que as narrativas, para o idoso, configuram-se como oportunidades de (re)encontrar referências para continuar levando a vida significativamente. Por meio das narrativas o idoso pode ressignificar suas experiências e atualizar sua condição de sujeito linguístico-social. Nas palavras de Humboldt^{2,60}, “(...) A linguagem constitui uma condição necessária, que governa o pensamento do indivíduo singular ao nível de sua existência mais solitária, em virtude da qual o homem organiza seus pensamentos, produz idéias que se reiteram e compõe, passo a passo, o quadro de referências de toda a sua vida”.

Conclusão

As análises das narrativas produzidas por idosos reafirmam que o envelhecimento não precisa ser uma fase da vida marcada por deterioração linguístico-cognitiva. Da mesma forma que são aceitas características linguísticas próprias do processo de aquisição e desenvolvimento infantil, pode-se considerar e, conseqüentemente, aceitar as características da linguagem no envelhecimento (narrativas longas e repletas de detalhes, por exemplo) como próprias desta fase da vida humana.

Pesquisadores e trabalhadores em saúde, dedicados ao envelhecimento, têm como desafio superar o modelo biomédico que privilegia a doença e o sintoma. Neste sentido, o desafio imposto é o de desenvolver projetos segundo os princípios das políticas de promoção de saúde coletiva, para proporcionar espaços de interação social onde os sujeitos/idosos se mantenham autônomos e protagonistas no exercício de seus papéis individuais (sujeitos) e comunitários (sociais), possibilitando a reorganização intra e interpessoal no uso da e pela linguagem. Portanto, organizar espaços de ressignificação da velhice; de reexperimento de situações que dêem sentido à vida do idoso e possibilitem o envelhecer com qualidade de vida é uma demanda urgente para os setores da seguridade social – saúde, educação, cultura, lazer e assistência social.

Este estudo evidenciou que o cuidado à saúde do idoso sem patologias neurológicas requer tempo – tempo para a escuta, para a avaliação e, sobretudo, tempo para explicar ao idoso como (com)viver com as mudanças biológicas/orgânicas ocorridas em seu corpo e como tais mudanças repercutem ou não em

seus processos cognitivos. Acredita-se que os profissionais de saúde necessitam de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem para poderem ressaltar que as mudanças biológicas não necessariamente implicam perdas linguístico-cognitivas e, ainda, para poderem indicar possíveis caminhos para a manutenção do papel social dos idosos.

Referências Bibliográficas

1. Saussure F. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix; 1991.
2. Franchi C. Linguagem: Atividade constitutiva. Rev. GEL. 2002; n. especial: 37-74.
3. Coudry MIH. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. Cad. Est. Ling. 2002; 42:99-129.
4. Coudry MIH. Língua, discurso e a lógica da linguagem patológica. Cadernos da F. F. C. 1997; 6(2):131-148.
5. Geraldi JW. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. Linguagem em (Dis)curso. 2003; 3 (nº especial):9-25.
6. Fedosse E. Afasia e criatividade da e na linguagem: implicações para o acompanhamento fonoaudiológico. Web Revista Discursividade. 2010; 7: 1-17.
7. Coudry MIH, Morato EM. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. Cad. Est. Ling. 1988; 15(2):117-35.
8. Novaes-Pinto RC. Acesso lexical: discussão crítica sobre as pesquisas nas neurociências contemporâneas. Estudos Linguísticos. 2009; 38 (2):271-284.
9. Grice HP. Lógica e conversação. In: Dascal M. Fundamentos metodológicos da linguística. Vol IV. Campinas: Global; 1982. p. 81-103.
10. Gamburgo LJJ, Monteiro MIB. Singularities of aging: reflections from conversations with an institutionalized elderly person. Interface: Comunicação, Saúde e Educação. 2009; 13(28):31-41.
11. Mac-Kay APM. Linguagem e gerontologia. In: Ferreira LP, Belfi-Lopes DM, Limongi SCO. (orgs). Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca Ltda; 2004. p. 903-910.
12. Pretti D. A linguagem dos idosos: Um estudo de análise da conversação. São Paulo: Contexto, 1991.
13. Sé EVG, Neri AL, Bilton T. Estrutura e conteúdo do discurso de idosos residentes em instituição de longa permanência portadoras e não portadoras de déficit cognitivo e de depressão. Dist. Comun. 2004; 16(2):203-14.
14. Cunha MI. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Faculdade de Educação. 1997; 23:1-2.
15. Minayo MCS, Sanches O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cadernos de Saúde Pública. 1993; 9 (3):237-248.
16. Andrade MLF. Neurolinguística discursiva: alguns pressupostos teóricos e metodológicos. Web Revista Discursividade. 2010; s/v(7):1-15.
17. De Lemos CTG. Interactional processes in the child's construction of language. In: Deutsch W. (Ed.) The Child's Construction of Language. Cambridge: CUP; 1981. p. 57-76.
18. Novaes-Pinto RC. Preconceito linguístico e exclusão social na normalidade e nas chamadas patologias da linguagem. Avesso do Avesso. 2009; 5: 10-20.
19. Yassuda MS, Lasca VB, Neri AL. Meta-memória e autoeficácia: Um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2005; 18(1):78-90.
20. Ramos LR. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso. Cad. Saúde Pública. 2003; 19(3):793-8.
21. Argimon II, Stein LM. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. Cad. Saúde Pública. 2005; 21(1):64-72.
22. Ribeiro A. Aspectos biológicos do envelhecimento. In: Russo IP. Intervenção fonoaudiológica na terceira idade. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p. 1-11.
23. Juncos-Rabadan O. Narrative speech in the elderly: effects of age and education on telling stories. International Journal of Behavioral Development. 1996; 19(3):669-85.
24. Pôrto WG, Bertolucci P, Ribeiro RL, Bueno OFA. Um estudo dos relatos afetivos subjetivos a estímulos do International Affective Picture System em uma amostra geriátrica brasileira. Rev. Psiquiatria RS. 2008; 30(2):131-8.
25. Tizeli GP. Memória emocional em idosos saudáveis [dissertação]. PUC. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica RS; 2009.
26. Novaes-Pinto RC, Beilke HMB. Avaliação da linguagem na Demência de Alzheimer. Estudos da Língua (gem). 2008; 6(2):97-126.

Recebido em março/13; aprovado em setembro/13.

Endereço para correspondência

Jayne Guterres de Mello
Rua Cel Niederauer, 747/309
CEP 97015121
Santa Maria - RS

E-mail: jayneguterres@hotmail.com